

**Recensão: Luzia Rocha, *Ópera e caricatura: O Teatro de São Carlos na obra de Rafael Bordalo Pinheiro*, 2 vols. (Lisboa, Edições Colibri - CESEM, 2010), 122 pp. + 137 pp., ISBN: 978-989-689-044-5 / 978-989-689-067-4**

**João Silva**

INET-md  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
[joasilva92@gmail.com](mailto:joasilva92@gmail.com)

O PRESENTE LIVRO PARTE DA INVESTIGAÇÃO de base realizada pela autora e apresentada à Universidade Nova de Lisboa, como tese de mestrado, em 2004. Nesse trabalho, Luzia Rocha examina a complexa interação entre a política, a música, a imprensa periódica e o quotidiano de alguns sectores da sociedade portuguesa, com particular destaque na sociabilidade lisboeta do final da Monarquia Constitucional. Através da recolha exaustiva da obra caricatural de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) publicada no periódico *O António Maria* (1879-85 e 1891-8), a autora contribui com um estudo no campo da iconografia musical, compilando e comentando uma quantidade assinalável de fontes, as quais se encontram reproduzidas com qualidade no segundo volume da obra, constituindo um dos pontos mais interessantes do trabalho. O texto aponta para a relevância do Real Teatro de São Carlos na obra do artista multifacetado, que empreendeu uma profícua relação com a vida teatral lisboeta de finais do século XIX, aspecto até agora pouco estudado pela musicologia. Dessa forma, o presente livro é um contributo relevante para o panorama musicológico português.

Rafael Bordalo Pinheiro, desenhador, jornalista, caricaturista e ceramista, era um atento espectador dos espectáculos teatrais apresentados em Lisboa, tendo, inclusivamente, desenhado figurinos para diversas produções. A sua veia satírica emerge de uma forma muito particular no que toca ao teatro operático. Dessa forma, a descrição e recolha da sua obra empreendidas por Luzia Rocha contribuem para suprir algumas lacunas no conhecimento que temos da época de Bordalo, marcada pelas frequentes tentativas de reformulação de Portugal enquanto estado-nação cultural moderno e em que a crítica às instituições vigentes permeava o mercado local de bens culturais,

desde os espectáculos teatrais até aos periódicos, passando pela literatura e pelas artes visuais. Estes aspectos poderiam, no entanto, ser abordados pela autora com mais profundidade, visto serem centrais para o estudo da sociedade da época.

O livro inicia com uma abordagem histórica à caricatura a partir da Antiguidade, com particular enfoque nas figuras de Rafael Bordalo Pinheiro e do jornalista Guilherme de Azevedo (1839-82). Contudo, creio que o capítulo 1 beneficiaria de uma análise mais problematizante do contexto no qual Bordalo trabalhou. Uma descrição mais detalhada do panorama teatral lisboeta e dos circuitos de entretenimento ajudaria a contextualizar a actividade dos artistas. Tendo em conta que a disseminação da imprensa ilustrada era um facto recente à época, seria interessante ter uma breve panorâmica desse processo. A introdução de tecnologias que permitiram e condicionaram a circulação da imagem impressa num contexto transnacional é essencial para compreender o periodismo português da época, e a relevância da caricatura enquanto veículo comunicativo. A intensificação da iconização da esfera pública decorrente das inovações tecnológicas veio a possibilitar o estabelecimento de periódicos ilustrados e o desenvolvimento de novas estratégias de comunicação e publicitação nos teatros. Dessa forma, estabeleceram-se novos modos de representação que enfatizavam a iconicidade dos bens culturais, nos quais se destacam os cartazes destinados à publicitação de espectáculos teatrais. Nessa altura também começaram a ser impressos com regularidade os primeiros jornais teatrais e as biografias de escritores teatrais, actrizes e actores passaram a integrar frequentemente as páginas dos periódicos. Essa iconização da esfera pública não foi uniforme nos vários sectores da sociedade, tendo privilegiado a política e o mercado de entretenimento. Consequentemente, as frequentes alegorizações que relacionam os políticos com o teatro de ópera publicadas em *O António Maria* podem ser interpretadas como a junção das áreas da vida quotidiana que se encontravam mais iconizadas até então. Essa circulação da imagem impressa é central para a compreensão da caricatura no período abordado pela autora, que se centra numa abordagem mais descritiva que analítica, a qual seria enriquecida por uma maior problematização das fontes utilizadas, nomeadamente *O António Maria*. Seria também interessante comparar as caricaturas de Bordalo com exemplos da literatura e das artes visuais da época e relacionar os periódicos satíricos lisboetas com os seus homólogos parisienses e londrinos, como *La Caricature*, *Le Charivari* ou *Punch*. Posteriormente, Bordalo dirigiu outros periódicos humorísticos, como *Pontos nos ii* e *A Paródia* em que o teatro também foi caricaturado. Apesar de se tratar de uma edição baseada na tese de mestrado da autora, esses periódicos poderiam ter sido aprofundados na versão em livro, o que permitiria ao leitor ter uma melhor noção do percurso criativo de Bordalo, sobretudo com a introdução da cor nos periódicos.

A obra prossegue com a análise da caricatura empreendida por Bordalo como forma de reportagem (capítulo 2). A reportagem como género jornalístico emergiu em diversas publicações

da época, como o *Diário de Notícias* ou *O Repórter*, encontrando-se igualmente patente em publicações ilustradas de pendor humorístico, como *O António Maria*. Contudo, deveria ter sido prestada maior atenção ao processo de mediação existente entre uma realidade observada e a sua caricatura para publicação em edições comerciais. Nesse capítulo, são discutidos os espectáculos de benefício, o público do Real Teatro de São Carlos, o wagnerismo em Portugal, a encenação de óperas de compositores portugueses, a cenografia, o guarda-roupa e a encenação. Dada a abrangência e natureza dos assuntos estudados, o livro beneficiaria com uma discussão mais pormenorizada dos diversos aspectos, como o envolvimento de Bordalo na cena teatral portuguesa da época. Seguidamente, a autora discute a representação caricatural da actividade política da época através da ópera, processo adoptado por Bordalo Pinheiro nas diversas publicações de sua autoria. O primeiro volume da publicação conclui com um comentário individualizado sobre as caricaturas que compõem o segundo volume. Esse comentário tende a ser predominantemente descritivo, e poderia ser enriquecido através de uma melhor articulação com as secções anteriores.

Em suma, a obra toca em questões importantes e, até à data, pouco abordadas pela musicologia portuguesa. Contudo, apresenta algumas lacunas no campo da problematização que a situam principalmente como uma recolha de informação primária. Nesse sentido, é um bom ponto de partida para futuros estudiosos da matéria.

**João Silva** é Doutor em Musicologia pela Newcastle University, licenciado e mestre em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. É membro do INET-md, onde integrou a equipa editorial da *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX* (Círculo de Leitores/Temas e Debates). Foi assistente editorial da revista *Radical Musicology*. Trabalha sobre música, nacionalismo e teatro ao longo dos séculos XIX e XX, sobretudo a incorporação de práticas musicais no quotidiano urbano lisboeta. Tem leccionado em diversas escolas do ensino especializado de Música, como o Conservatório David de Sousa (Figueira da Foz), Conservatório Regional de Coimbra, Escola de Música Óscar da Silva (Matosinhos), Academia de Música de Espinho e Escola Profissional de Música de Espinho. Paralelamente, colabora com diversos promotores culturais, como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Casa da Música e a Culturgest.

